

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Graduação em Psicologia

IN-FERTILIDADE: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA

Laís Noronha de Queiroz

São Paulo

2017

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Graduação em Psicologia

IN-FERTILIDADE: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA

Trabalho de Conclusão Curso  
apresentado junto à Pontifícia  
Universidade Católica de São  
Paulo como parte dos requisitos  
para obtenção do título de  
bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo  
Sodelli

São Paulo

2017

Dedico este trabalho à minha mãe, por toda valentia e dignidade com que assumiu a própria vida.

“Liberdade é o que você faz com aquilo que aconteceu com você.”  
Jean Paul Sartre

## RESUMO

O presente trabalho apresenta uma possibilidade de compreensão da infertilidade no mundo contemporâneo, por meio do método construtivo-desconstrutivo da fenomenologia existencial de Martin Heidegger. Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a analítica existencial do ser-o-aí e reflexões sobre influências culturais relacionadas ao fenômeno da infertilidade, entendida aqui como um evento particular na vida de um casal e que exige escolhas não antes previstas. Assim, esta investigação se caracteriza como um estudo teórico e, para enriquecer nossa discussão sobre o fenômeno da infertilidade, foram analisados dois filmes atuais que abordam esta questão: *Wreckers*, da diretora Dictynna Hood, lançado em 2011; e *Twice Born*, do diretor Sergio Castellitto, lançado em 2012. Cada filme foi assistido 2 vezes, sendo as frases mais importantes selecionadas para análise. As narrativas destas produções cinematográficas foram consideradas tão relevantes quanto as que se originam de entrevistas possivelmente realizadas com casais que enfrentam a situação de infertilidade. Para a Fenomenologia, os conteúdos trazidos por qualquer uma destas fontes se referem ao mundo no qual vivemos e com o qual nos relacionamos a todo instante. A escolha pela análise de filmes também foi pautada no respeito à condição de fragilidade dos casais que buscam a paternidade com dificuldades. Foram observadas soluções criativas para a problemática da infertilidade na medida em que os personagens rompem com a trama de sentidos sedimentados sobre o que é ser pai e mãe. Neste trabalho, a possibilidade de ter filhos é compreendida como uma escolha que diz respeito à existência do ser-o-aí e seu projeto de vida.

Palavras-chave: fenomenologia, casais, infertilidade, ser-o-aí e projeto de vida/trama de sentido.

## ABSTRACT

This article presents a possibility of understanding infertility in the contemporary world, through the constructive-deconstructive method derived from the existential phenomenology of Martin Heidegger. We proposed a bibliographical review on the existential analytic of the “presence” (Dasein), and reflections on cultural influences that relate to the phenomenon of infertility, understood here as a particular event in the life of a couple that demands choices not previously foreseen. Thus, this research is characterized as a theoretical study and, to enrich our discussion about the phenomenon of infertility, we analyzed two current films that address this issue: *Wreckers*, by director Dictynna Hood, released in 2011; And *Twice Born*, by director Sergio Castellitto, released in 2012. Each film was watched 2 times, and their most important sentences were selected for analysis. The narratives of these cinematographic productions were considered as relevant as those originating from interviews possibly carried out by couples facing the situation of infertility. Through the lenses of Phenomenology, the content brought forth by any of these sources refers to the world in which we live and to which we relate to at all times. The choice for the film analysis method was also based on concerns regarding the fragility of couples with fertility difficulties. In the films, creative solutions to the problem of infertility have been observed as the characters break free from the set of the predetermined understandings of what it means to be a father or a mother. In this work, the possibility of having children is understood as a choice that relates to the existence of the “presence” (Dasein) and its life project.

Key words: phenomenology, couples, infertility, *Dasein* and life project

## SUMÁRIO

Resumo .....	xi
Abstract .....	xii
1 - INTRODUÇÃO .....	1
1.1–Justificativa.....	2
1.2–Contextualização do problema e objetivo.....	3
1.3–Método .....	7
2 - CONTRIBUIÇÕES CONCEITUAIS DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA .....	8
2.1 – Ser-o-aí .....	10
2.2–Afinação, compreensão e discurso .....	12
2.3–Impropriedade, angústia e propriedade .....	13
3–DAS CONQUISTAS FEMININAS .....	16
3.1 – Defluência cultural.....	19
3.2–O casal que busca sua descendência.....	20
3.3–A condição feminina .....	22
3.4–A condição masculina .....	23
4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO .....	26
4.1 – Postura masculina estóica.....	26
4.2–Obsessão .....	27
4.3–Vergonha.....	29
4.4–Medo .....	30
4.5 – Culpa.....	31
4.6–Mudanças no relacionamento conjugal.....	32
4.7–Valorização da mãe biológica.....	33
4.8–Cobrança familiar e social .....	34
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS .....	40
ANEXO .....	46

## INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa vem sendo construído desde a metade final da graduação em Psicologia, por parte de quem escreve ao leitor o presente trabalho. O maior enfoque na temática de infertilidade de casais se deu em uma disciplina eletiva de Fenomenologia em 2015, na qual um palestrante<sup>1</sup> destacou o modo de ser do indivíduo, em sua totalidade única e particular, tendo a mesma expressão nas diferentes ações e atividades diárias. Com esta referência na abordagem Fenomenológica, tornou-se necessário um maior entendimento do tema da infertilidade nos dias atuais, bem como conhecimento das produções acadêmicas e literatura a esse respeito.

O pós-modernismo<sup>2</sup> instaurou mudanças significativas nos relacionamentos interpessoais, produzindo novas práticas culturais. Hoje, o modo como um casal planeja o crescimento de seu próprio núcleo familiar tende a ser influenciado por questões profissionais. A expansão do papel feminino na sociedade culminou na formação de casais de dupla-carreira, ou seja, casais formados por cônjuges que exercem profissões que demandam alto grau de instrução, comprometimento e reciclagem constante (MEIRELLES, 2001). Neste contexto, muitas vezes a reprodução e gestação do casal ocupam um lugar secundário em suas prioridades, o que é ratificado pelo aumento do custo de vida e investimentos necessários para se criar um bebê.

Em consequência disso, muitos casais atualmente postergam a gestação e acabam engravidando depois dos 30 anos de idade, período que compreende maior risco gestacional. Outro agravante desta situação é o uso de anti-concepcionais. Norgren (2004) mostra que desde meados do século XX, essa tecnologia farmacológica possibilitou uma maior liberdade sexual, contribuindo para a autonomia dos cônjuges quanto à escolha da concepção tardia. Motooka (2008) confirma essa atual mudança no planejamento familiar das classes média e média alta ao indicar que as mulheres estão mais ativas economicamente e, muitas vezes,

---

<sup>1</sup> Vitor Faustino Sampaio, psicólogo formado pela PUC-SP, doutorando pesquisador das possibilidades de ser um casal e sua relação no atendimento clínico. Ver Sampaio (2012).

<sup>2</sup>Período que se inicia em 1950, após o fim do modernismo, sendo marcado por mudanças nas sociedades, nas ciências e nas artes. Inovações arquitetônicas da segunda metade do século XX, avanços tecnológicos da computação, a arte Pop de 1970 e a tecnociência atual são marcos deste momento histórico (SANTOS, 2012).

“se engajam inicialmente em realizações profissionais e em obter estabilidade financeira, postergando assim a maternidade” (p.114).

A pesquisa realizada por Cunha et al. (2008), revela dados paradoxais a respeito do tema da infertilidade. Esses autores destacam que apesar do desejo de ter filhos ser grande para os casais que tentam engravidar, muitos (cerca de 80%) evitam buscar ajuda profissional por mais de 2 anos sem conseguir a fecundação. Tais autores discutem que a realização de exames médicos para diagnóstico de infertilidade provoca muita tensão no casal, o que estaria relacionado com o sofrimento e estigma de fracasso (em conceber um descendente) que a infertilidade representa na sociedade.

### 1.1 JUSTIFICATIVA

Essa temática tem importância na medida em que trata de questões atuais. Segundo Almeida (2013/2014), “estimativas globais referem que a infertilidade atinge de 8% a 12% dos casais em idade fértil, afetando de 50 a 80 milhões de pessoas no mundo. Este total de pessoas com dificuldade para conceber um filho atinge cerca de 20% dos casais em idade reprodutiva no mundo (FARINATI ET. AL. 2006). De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde 2013 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016), 196 mil brasileiras fizeram algum tratamento para engravidar naquele ano. Os tipos de cuidado e tratamentos aos casais inférteis se diversificaram muito nas últimas décadas, ampliando suas possibilidades de concepção (LOPES E PINTO, 2012).

Em dezembro de 2012, o Ministério da Saúde passou a oferecer o tratamento para infertilidade pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo o *site* do Ministério da Saúde (2016), a portaria 3.149, determinou que fossem destinados 10 milhões de reais para nove centros de saúde do país, distribuídos nas cidades de Brasília, Belo Horizonte, Porto Alegre, São Paulo, Ribeirão Preto, Recife e Natal (BRASIL, 2012).

Há também recomendações de prevenção, divulgadas recentemente no *site* do SUS, que incluem a infertilidade como possível resultado de hábitos que

oferecem risco à saúde conforme apontam as matérias sobre os malefícios do tabagismo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016a), dos agrotóxicos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016b), de contaminantes químicos como o chumbo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016c), e da obesidade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016d).

O avanço das pesquisas sobre infertilidade revelou que o êxito da reprodução de casais heterossexuais não está relacionado apenas à idade dos cônjuges (LOPES E PINTO, 2012). Para as autoras, além do histórico de anomalias menstruais no caso das mulheres, alterações de peso, infecções sexualmente transmissíveis, tabagismo, consumo de álcool e drogas, exposição a poluentes ambientais, estresse, profissões com exposição a altas temperaturas e produtos tóxicos corroboram para a infertilidade de homens e mulheres. Mesmo com o aumento das pesquisas sobre infertilidade, ainda existem casos designados como “infertilidade inexplicada”, cuja causa permanece desconhecida após sucessivos exames clínicos, sugerindo a necessidade de continuação dos estudos sobre o tema (op.cit).

## 1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA E OBJETIVO

No levantamento de pesquisas para o presente trabalho, foram encontradas referências sobre o estudo da infertilidade abordando aspectos vivenciais desta condição, porém essas informações, na maioria das vezes, são obtidas do homem e da mulher separadamente, como é o caso de Gameiro, Silva e Canavarro (2008), Moreira et al. (2005), e Souza (2005). Esta última autora, por exemplo, faz uma análise comparativa dos significados da infertilidade e do processo de enfrentamento da infertilidade por homens e mulheres, resultando da identificação de fatores psicossomáticos como incompatibilidade muco-cervical, problema no órgão reprodutor feminino ou masculino, dificuldade de comunicação entre o homem e a mulher, e pressões sociais às quais está submetido cada cônjuge separadamente (SOUZA, 2005). Embora este estudo explore dados importantes da vida de um casal que enfrenta a infertilidade, a experiência destas pessoas fica reduzida em fatores e, conseqüentemente, há uma perda da compreensão deste casal em sua dinâmica particular e única.

Goldstein (1996) é outra autora que trata do tema da infertilidade na área da Psicologia, no entanto, sua pesquisa também fica restrita à escuta de apenas um dos cônjuges, neste caso, exclusivamente de mulheres. Pode-se impossibilitar, desta forma, a compreensão da infertilidade no contexto em que vive o casal que tenta gerar um filho. Em sua obra, Goldstein (1996) analisa auto-estima, frustrações, desejos e relacionamentos afetivos de mulheres que buscam tratamento para infertilidade em um hospital público, destacando a ausência dos parceiros no tratamento da infertilidade. Neste sentido, mostra-se fundamental a compreensão do modo de ser do casal em sua dinâmica própria e que depende da implicação de ambas as partes, tanto no relacionamento conjugal, quanto no discurso sobre o a relação que mantêm.

O trabalho de Albert (2008) defende o casal como unidade de pesquisa, mas opta por compreendê-lo à luz dos conceitos teóricos de projeção, conflito e defesa, dando maior ênfase a estes dinamismos psíquicos do que ao modo de ser do casal, em sua constituição singular, ou seja, do que à sua forma de se relacionar como expressão do modo como cada ser humano existe e conjuga sua singularidade com o outro.

Motooka (2008) traz contribuições relevantes para o entendimento da experiência de infertilidade e seu impacto na vida do casal. Em seu trabalho, a autora apresenta um prejuízo da relação de espontaneidade do casal e também da sexualidade dos cônjuges, sugerindo a necessidade de acompanhamento psicológico. Embora Motooka (2008) também limite sua pesquisa aos dinamismos psíquicos da mulher na situação de infertilidade, os resultados de seu trabalho demonstram em que medida a condição de infertilidade torna o indivíduo socialmente mais vulnerável e prejudicado por expressões emocionais como estresse, depressão e percepção de discriminação social.

A obra de Lopes e Pinto (2012) também apresenta efeitos emocionais do diagnóstico de infertilidade que prejudicam a relação do casal e lhe conferem situação de vulnerabilidade, tais como desânimo, frustração, culpabilidade, choque, negação e baixa auto-estima. Essas percepções estariam relacionadas a não concepção, e também às cobranças e expectativas de familiares e demais pessoas do círculo social do casal. Muitas vezes, a vivência de infertilidade pode ser

associada à experiência de luto por apresentar fases análogas a este processo (op. cit). Neste sentido, a perda da fertilidade que habilitaria, sem dificuldades, a concepção de um filho, pode se tornar uma experiência negativa que desvia a atenção de outros eventos da vida do casal também importantes.

Delgado (2007), em seu estudo sobre a infertilidade de casais, apresenta uma conclusão interessante: as vivências destes casais que desejam ter filhos se refletem em todas as dimensões de sua vida. Além disso, Delgado (2007) sugere que o desejo de conceber um filho tem influência sobre o modo como o casal vivencia sua infertilidade, e também demonstra que a infertilidade é mais valorizada à medida que o casal se empenha na parentalidade. O olhar desta autora para o casal traz compreensões importantes sobre vivências conjugais de infertilidade. Segundo Delgado (2007), a infertilidade é sentida pelos casais como causa de alterações no relacionamento, no que se refere à aproximação entre os elementos do casal, ao fortalecimento da relação conjugal e à melhoria da comunicação, neste dado estudo. Em contrapartida, esta autora revela um tipo afastamento dos cônjuges em seu relacionamento gerado, principalmente, por dificuldades na comunicação que ainda prevalecem e por sentimentos de incompreensão por parte do cônjuge (DELGADO, 2007).

Delgado (idem) também discorre sobre o relacionamento sexual dos casais, indicando apenas vivências insatisfatórias como constrangimentos em relação ao nível de prazer e desejo, diminuição da espontaneidade e desempenho sexual, que são influenciados pelo encargo que a relação sexual adquire frente à dificuldade para conceber o filho. Esta autora sugere, como continuação de seus estudos, um detalhamento das vivências dos casais inférteis.

No estudo de Farinati et. al. (2006), também são apresentados sentimentos produzidos pela vivência de infertilidade, que geram decréscimo da qualidade de vida do casal, tais como medo, ansiedade, tristeza, frustração, desvalia, vergonha e quadros de estresse. Tanto a dimensão emocional, como social devem ser consideradas na vida do casal infértil, visto que as causas da infertilidade são multideterminadas (idem). As autoras afirmam que, no tema da infertilidade, “não podemos falar em tratar enfermidades, mas sim em tratar sujeitos, escutando seu sofrimento para além de uma dimensão exclusivamente orgânica”.

O levantamento de pesquisas sobre o tema da infertilidade problematiza este campo de estudo, suscitando a seguinte pergunta: como os casais lidam com o sofrimento da infertilidade? Através da análise de filmes que abordam essa temática, o objetivo do presente trabalho é compreender um pouco da experiência dos casais que se deparam com dificuldades para conceber um filho.

Para refletir sobre a situação de casais em busca da fertilidade, serão utilizados, ao longo deste estudo, termos e pensamentos comuns à Fenomenologia heideggeriana. Neste dado contexto, *Dasein* é um termo importante a ser esclarecido, pois articula uma concepção de humano, de indivíduo diferenciado dos demais entes do mundo, visto que “a existência nunca pode ser pensada como uma espécie particular entre outras espécies de seres vivos, suposto, naturalmente, que foi destinado ao homem pensar a essência de seu ser” (HEIDEGGER, 1995, p.41). Heidegger (2001), afirma que *Dasein* significa “ser-no-mundo” e também “estar-aí”, ou seja, estar na abertura constituída por tempo e espaço simultaneamente.

Esta abertura, também nomeada pelo autor de clareira, exprime a ideia de “um âmbito de poder-apreender significações daquilo que aparece” ao *Dasein*. Para Heidegger (2001), *Dasein* não é passível de objetificação. É um termo que significa presença na qual o ser humano constrói seu modo de ser, sua existência e história (HEIDEGGER, 2009). Este autor argumenta que o indivíduo é o “lugar” (ou clareira) do Ser e, como tal, se essencializa na instauração de um destino, “num ‘lançamento’ do ser” (idem, 1995, p.46). Sampaio (2012) considera que a caracterização de *Dasein* como ser-no-mundo não indica uma qualidade deste, pois *Dasein* apresenta os existenciais como dimensões do modo de existir humano, em outras palavras, como características que constituem o ser do *Dasein* em suas diversas possibilidades de ser.

Outra palavra importante para discorrer sobre o assunto da infertilidade é corpo, uma palavra importante para se pensar a reprodução sexual. Heidegger (2009), no entanto, afirma que a humanidade ainda não compreendeu o que é corpo, argumentando que corpo não é passível de mensuração como outros objetos do mundo, pois não é apenas algo material, mas também é vivo. Para Heidegger (1995, p.41), “o corpo do homem é algo essencialmente diferente de um organismo animal”. Sampaio (2012), explica que o idioma alemão do qual Heidegger faz uso

para pensar filosoficamente, contempla mais de um termo para aferir o sentido de corpo: corpo material (*Körper*) e corpo vivo (*Lieb*). Para Heidegger (2009), o corpo material limita-se a sua extensão física, ou seja, à extensão dos órgãos que termina na pele. No entanto, esse limite físico do corpo material, não é o mesmo limite do corpo vivo (HEIDEGGER, 2009). Por isso, o termo corporeidade é mais adequado para conduzir as análises do presente trabalho, visto que o limite da corporeidade encontra-se na existência, no existir humano, na abertura que uma pessoa pode ter para viver no mundo (SAMPAIO, 2009).

Essa abertura para o mundo é também um conceito fenomenológico que exprime o modo como alguém vive uma realização no mundo, uma relação de sentido do indivíduo com seu mundo em determinada situação. O foco teórico deste trabalho será olhar para a existência de cada casal, deixando de lado a compreensão do corpo em seu aspecto exclusivamente físico, que tende a ganhar destaque na experiência de infertilidade.

Todas as pesquisas acima indicadas foram produzidas de acordo com um olhar científico, cujo principal respaldo está na concepção positivista de mundo. Desta forma, a elaboração intelectual destas pesquisas se baseia na razão, quantificação e busca de resultados estáveis e universais. Diferente dessa proposta de caráter empírico, o presente trabalho visa discutir as questões da infertilidade e do sofrimento humano pelo viés da fenomenologia, perspectiva na qual a existência é ressaltada em oposição a uma lógica explicativa.

### 1.3 – MÉTODO

Como dito anteriormente, o objetivo deste trabalho é compreender a experiência dos casais que se deparam com dificuldades para conceber um filho. Para tanto, foi realizada uma investigação teórica fundamentada no método desconstrutivo-constutivo da fenomenologia existencial. Tal abordagem teórica foi utilizada como base para a discussão sobre o fenômeno da infertilidade no mundo contemporâneo. A estrutura deste trabalho foi dividida em três capítulos: 1. Contribuições conceituais da fenomenologia heideggeriana; 2. Das conquistas femininas; 3. Análise e discussão.

Para o primeiro capítulo, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o pensamento de Martin Heidegger, comentado e explicado por autores atuais em diversos livros e artigos, os quais foram utilizados para subsidiar toda discussão que se segue ao longo deste trabalho. Para o segundo capítulo, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os papéis sociais de homens e mulheres nas últimas décadas, a fim de compreender influências culturais sobrepujáveis à vivência individual da maternidade e da paternidade. O terceiro capítulo se caracteriza por uma discussão que interliga o pensamento apresentado no primeiro capítulo e o fenômeno contemporâneo da infertilidade, tema este estudado a partir de filmes que ilustram essa questão: *Wreckers*, da diretora Dictynna Hood (2011), que aborda a questão da infertilidade masculina; e *Twice Born*, do diretor Sergio Castellitto (2012), que trata da infertilidade feminina e de empecilhos sociais que atravessam a escolha pela adoção e inseminação artificial. Cada um dos filmes foi assistido 2 vezes para se obter diálogos dos casais a serem analisados. Este material cinematográfico é considerado relevante para a Fenomenologia, assim como entrevistas presenciais, visto que ambos se referem ao mundo no qual vivemos. A escolha pela análise de filmes se baseou no respeito à condição de fragilidade dos casais que enfrentam a problemática da infertilidade. Como base teórica, foram utilizados artigos e livros que aludem a compreensão fenomenológica. Por fim, no último capítulo, são apresentadas discussões finais da pesquisa.

## **2 - CONTRIBUIÇÕES CONCEITUAIS DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA**

O presente trabalho situa o leitor na perspectiva fenomenológica-existencial, uma visão de mundo pautada por uma postura filosófica. Esta forma de compreender o mundo parte do princípio de que a percepção humana atribui diferentes significações às coisas, aos fenômenos (BOSS, 1974). Como afirma Sodelli (2015), esta linha filosófica não compreende o ser humano como os demais objetos e animais. A essência fundamental do humano é justamente seu modo de existir (BOSS, 1974).

A experiência humana se sustenta na existência, como pontua Sodelli (2015). Neste sentido, a Fenomenologia busca proteger a originalidade das coisas, de modo que o ser – a tarefa de ter que ser – não se detenha a uma objetificação redigida por leis científicas. As ações humanas no presente são determinadas por previsões de futuro e também por ações passadas, como discute o autor de referência deste trabalho, Martin Heidegger<sup>3</sup>. A temporalidade do ser é a base de sua compreensão.

Martin Heidegger constrói o pensamento fenomenológico com base nas determinações de Husserl<sup>4</sup> sobre a crise nas ciências do século XX. Husserl, como professor de Heidegger, contribuiu para o refinamento da pergunta pelo sentido do Ser a partir de seu olhar crítico sobre o mecanicismo praticado pelas ciências em seu desenvolvimento: estudo de objetos estritamente definidos por conceitos, investigação sistemática, observação padronizada e controle das experiências científicas (GIACOIA JR., 2013). Heidegger interpreta isso como uma indiferenciação do Homem dos demais entes no campo científico.

A crítica deste filósofo não está no uso prático das conclusões científicas que geram desenvolvimentos tecnológicos, avanços na física, engenharia, pedagogia e outras ciências humanas, biológicas e exatas. O problema apontado por Heidegger reside em se fazer juízos sobre fenômenos estudados com a pretensão de definir conceitos universais, ou seja, aplicáveis a qualquer lugar, situação ou fenômeno. Em outras palavras, Heidegger destaca o sentido irrefletido de Ser que as ciências atribuem a seus conceitos, objetos e deduções; um uso extenuado das virtualidades teóricas (GIACOIA JR., 2013). O desenvolvimento de hardwares, prédios, engenharia química ou estudos filosóficos e antropológicos são uma forma de compreensão da realidade. Heidegger apresenta uma nova forma de compreender a realidade — aquela que considera a ontologia (idem).

A ontologia fundamental apresentada por Heidegger é uma tentativa de análise da finitude e desconstrução da metafísica. Ontologia é uma disciplina filosófica que estuda aquilo que o ente é, buscando a determinação de sua essência,

---

<sup>3</sup>Martin Heidegger (1889 -1976), filósofo alemão que recolocou a pergunta sobre o ser destacando a importância da Ontologia.

<sup>4</sup>Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859 – 1938), filósofo alemão que estabeleceu a escola da fenomenologia, rompendo com a orientação positivista da ciência e da filosofia de sua época.

seu ser. Ente é tudo aquilo que existe no mundo. Essa pergunta sobre o sentido de ser, apesar de datar de milênios atrás, ainda não teve um resposta, na visão de Heidegger. Por essa razão, responder pelo sentido de ser na modernidade é uma tentativa plausível, e ao mesmo tempo, radical da filosofia contemporânea (GIACCOIA, JR., 2013). Por isso Heidegger é um autor importante na Filosofia. Em pleno século XX, ele se incumbiu de contestar a forma como as ciências se ativeram à pergunta pelo sentido do ser.

O objetivo de Heidegger é mostrar a importância de se interrogar sobre o sentido do ser. Convencido de que, no decurso na História, as ciências — incluindo a filosofia — não tiveram êxito na formulação da pergunta sobre o sentido do ser, Heidegger retoma esta pergunta de Platão: “que sentido tem a pergunta pelo sentido do ser?” (GIACCOIA JR., 2013, p.53). Em sua obra “Ser e Tempo”, Heidegger retoma a pergunta sobre o sentido do ser, tendo em vista um rigor epistemológico possivelmente capaz de atribuir maior acurácia e a esse questionamento ontológico (que busca e considera o sentido do ser).

## 2.1 - SER-O-AÍ

Para formular seu pensamento sobre o existir humano, Heidegger cria um novo conceito para situar o homem no mundo, mostrando sua dimensão temporal e diferenciação de outros seres mundanos (demais entes). Este autor afirma que a essência dos entes não pode ser percebida pelos fenômenos físicos ou pelos sentidos, visto que “as essências são de natureza metafísica, apreensíveis por intuição ou conceito” (GIACCOIA JR., 2013, p.56). Aqui metafísica deve ser compreendida como um conjunto de entidades intelectuais, representações ideais ou conceituais de determinado ente, algo inacessível ao olhar, mas passível de especulação teórica (GIOACOI JR., 2013).

Para Heidegger, *Dasein*<sup>5</sup> (ser-o-aí, ou, ser-aí), é o termo que diferencia o ser humano dos demais entes do mundo. Isso porque o ser-o-aí é o único ente que tem consciência da sua própria condição, e que, por saber de sua condição, pode

---

<sup>5</sup> Dasein: neste trabalho optamos por usar a tradução conforme utiliza o autor Giacoia Jr.(2013), Dasein = ser-o-aí.

compreendê-la. O ser-o-aí é um ente de característica fundamentalmente ontológica, voltado para o ser (GIOACOI JR., 2013). Ser-o-aí não é sinônimo de ser humano ou Homem, pois se trata de um conceito que entrelaça homem e mundo, de forma que um só exista na presença do outro. Não há mundo sem ser humano, não há ser humano sem mundo. Além disso, mediante as diversas possibilidades humanas de ser, não seria plausível fixar uma única figura de homem comum a todos os seres humanos (CASANOVA, 2015). Heidegger (2001), afirma que ser-o-aí significa “ser-no-mundo” e também “estar-aí”, ou seja, estar na abertura constituída por tempo e espaço simultaneamente.

Esta abertura, também nomeada pelo autor de clareira, exprime a ideia de “lugar” existencial do ser, uma dimensão de exterioridade “num ‘lançamento’ do ser” (HEIDEGGER, 1995, p.46). Essa abertura significa compreensão, ou seja, possibilidade de apreender um sentido, tomar consciência de seu próprio ser, podendo entendê-lo, como afirma Casanova (2015). Para Heidegger (2001), ser-o-aí não é passível de objetificação; é um termo que designa a presença na qual o ser humano constrói seu modo de ser, sua existência e história (HEIDEGGER, 2009). Ser-o-aí, portanto, é o ente com possibilidades de perguntar pelo sentido das coisas ao seu redor. (GIACOIA JR., 2013). Com isso, o ser-o-aí se torna capaz de fazer escolhas e tomar decisões que dão significados à sua existência (SODELLI, 2015).

A essência do ser-o-aí está em sua existência, constituída por temporalidade e finitude. Poder-ser implica uma finitude marcada pelo tempo, um limite que confere ao mundo um caráter inóspito para o ser humano. Ser-o-aí, então, é também ser-para-morte. Neste sentido, a essência do ser-o-aí se fundamenta em diversas e indefinidas possibilidades de ser, sendo a morte (deixar de ser) sua possibilidade mais radical (GIACOIA JR., 2013). Ser-o-aí existe no tempo, por isso toda compreensão que lhe cabe sobre o ser é uma compreensão temporal. A condição existencial do ser-o-aí repousa sobre a responsabilidade que tem em tratar da sua continuidade no mundo (SODELLI, 2015).

Sampaio (2012) considera que a caracterização de ser-o-aí como ser-no-mundo não indica uma qualidade deste, visto que o ser-o-aí apresenta os existenciais como dimensões do modo de existir humano, em outras palavras, como características que constituem diversas possibilidades de ser do ser-o-aí.

## 2.2 - AFINAÇÃO, COMPREENSÃO E DISCURSO

A abertura do ser-o-aí, como explica Sodelli (2015), nos torna seres sem essência determinada, embora não estejamos à mercê das determinações do mundo. Essa condição de abertura nos possibilita compreender nossa relação própria de ser dentre os diversos sentidos possíveis (GIACOIA JR., 2013). Nós, como ser-o-aí, podemos indagar sobre a razão, finalidade ou sentido das coisas, dos acontecimentos e sobre nossa própria vida, exatamente porque o ser-o-aí não tem uma essência definida ou um sentido de ser como algo já posto pelo mundo. Giacoia Jr. (2013) retoma três existenciais que abrem o ser-o-aí para o mundo: afinação, compreensão e discurso. Esses três elementos revelam que somos ser-no-mundo-junto-aos-outros; estamos sempre abertos a partir de uma compreensão dispositiva discursiva.

A abertura do ser-o-aí implica sempre um modo de viver a relação com o mundo, um estado de ânimo (GIACOIA JR., 2013). O conceito de afinação diz respeito essa modulação de afeto. Na relação com o mundo, o ser-o-aí vai de encontro a objetos e pessoas cotidianamente, formando um entendimento do contexto em que se encontra, naquele determinado momento marcado no tempo. Sodelli (2015, p.66) sintetiza essa relação da afinação com a experiência vivida ao dizer que “a compreensão do homem em relação às coisas é sempre emocionada”.

A compreensão heideggeriana expressa a ideia de um cuidado de si, um cuidado de seu próprio ser, explica Giacoia Jr.(2013), o que confere uma capacidade ao ser-o-aí. Capacidade esta de se apropriar daquilo que compreende. O ato de compreender se dá em “um âmbito prévio e irrefletido”, como salienta o autor. A compreensão não depende de explicações, ela tem como pressuposto o próprio ato de compreender. Sodelli (2015) explicita que a compreensão do ser-o-aí em relação às coisas está sempre relacionada à disposição ou tonalidade afetiva. Como afirma este autor, “pela disposição é que as coisas são descobertas como boas, temíveis, indiferentes, interessantes, ameaçadoras, etc.” (idem, p.66). A tonalidade afetiva sempre transforma a maneira como nos relacionamos com o mundo e como nos sentimos nesta relação (Sodelli, 2015).

O discurso é o modo como o ser-o-aí expõe o entendimento sobre sua existência. Todo questionamento ou colocação feita pelo ser-o-aí se dá na forma de discurso, por isso a linguagem também pode ser entendida como morada do ser. O discurso do ser-o-aí sempre mostra ou revela algo através da fala. A palavra permite que diferentes sentidos de ser sejam articulados e manifestados no discurso do ser-o-aí para si e para os outros (GIACOIA JR., 2013).

Essa propriedade semântica do discurso articula a compreensão do ser-o-aí sobre as coisas, embora ofereça de antemão sentidos já atribuídos pelo mundo fático (CASANOVA, 2015). O modo como compreendemos as coisas é que dará novos sentidos a cada experiência vivida.

### 2.3 - IMPROPRIEDADE, ANGÚSTIA E PROPRIEDADE

Durante nossa vida nos deparamos com determinados costumes e cultura pertinentes à época atual. É neste contexto, permeado de limites e parâmetros sociais, que o ser-o-aí desenvolve seu modo de se relacionar com os outros, consigo mesmo e com demais entes do mundo. Casanova (2015) explica que o ser-o-aí já sempre se encontra no mundo de algum modo. O autor expõe com essas palavras a ideia de que o mundo já oferece referências para sermos de alguma forma, o que chamamos de impessoalidade. Nós, como ser-o-aí, precisamos destes parâmetros para construir nossas possibilidades de ser no mundo, pois não nascemos com uma determinação. Sodelli (2015) reitera que o ser-o-aí é desprovido de essência.

Tudo o que somos está vinculado ao mundo, por isso o conceito heideggeriano de ser-o-aí enfatiza a condição de exterioridade, o “aí”. Sodelli (2015) justifica que o ser-o-aí não tem uma interioridade fechada em si mesmo. Nosso ser realiza-se no mundo constantemente, criando uma trama significativa, ou seja, um modo de compreender o sentido das coisas. O mundo não é para nós um conjunto de objetos concretos, mas, sim, de tramas de sentido que se constituem ao longo da história.

Dentre as possibilidades que temos de ser no mundo, existem dois modos peculiares, como aponta Casanova (2015): a propriedade e a impropriedade. Estas são duas possibilidades fundamentais que se misturam na determinação do nosso ser, segundo o autor. Nós, enquanto ser-o-aí, entremeamos propriedade e impropriedade constantemente, o que se refaz e se ajusta variavelmente a cada dia. Quando inclinamos nossa vivência à impropriedade, seguimos a semântica do mundo (CASANOVA, 2015). Em outras palavras, decaímos no impessoal, naquilo que o mundo estabelece previamente, como papéis sociais, modos de ser, jeitos de se comportar. Embora essa condição de impropriedade seja importante para que o ser-o-aí tenha acesso às possibilidades de ser, corre-se o risco de fugir de si mesmo, conforme a colocação de Casanova (2015).

A impropriedade, ao mesmo tempo em que nos oferece possibilidades estáveis de viver no mundo, também pode nos ocultar, por algum momento, o caráter de poder-ser. Sodelli (2015) explica que a impropriedade desresponsabiliza o ser-o-aí por sua existência. Este autor afirma que na impropriedade vivemos “um mundo previsível e organizado, no qual as coisas seguem numa certa sequência de acontecimentos, praticamente naturalizados” (idem, p.69). Visto que o ser humano é criativo, sempre existem novas construções de sentido na trama que é o mundo.

Em alguns momentos mais críticos de nossa vida, como situações de separação, adoecimentos, demissão, conflitos de relacionamento, lutos entre outras, nos deparamos com a possibilidade de escolher algo para viver que se afasta um pouco das prerrogativas colocadas pelo mundo. São nestes momentos cruciais que percebemos nosso ser em risco, por sermos encantoados a ter que ser de alguma forma. Casanova (2015, p.137) discorre sobre essa mudança na forma de lidar com a própria vida, indicando que há nela um processo de singularização que “envolve a realização do que se é a partir da rearticulação do poder-ser que se é para além da tutela do discurso cotidiano”. Esse processo é desencadeado pela angústia, tonalidade afetiva fundamental do ser-o-aí na perspectiva heideggeriana (SODELLI, 2015).

A angústia diz respeito ao nosso ser, pois é através dela que nos damos conta de que nosso ser precisa de cuidado. A angústia é o ânimo presente em todas as possibilidades de ser do ser-o-aí (GIACOIA JR., 2013). Ela é a disposição que nos

ameaça de não-ser, apresentando a possibilidade real de não estarmos mais vivos um dia (SODELLI, 2015); podemos deixar de ser a qualquer momento. A angústia nos coíbe de continuar os afazeres cotidianos, disponibilizados pelo mundo impessoal, sem olhar para nós mesmos. Como afirma Sodelli (2015, p.70), nesse contexto, o ser-o-aí escapa “das amarras da semântica cotidiana (impropriedade)” e “pode projetar a sua existência de modo mais autêntico e experimentar a decisão a partir daquilo que é digno de ser vivido para ele, sempre no mundo junto aos outros”.

Segundo Casanova (2015), a angústia sempre confronta o ser-o-aí com seu caráter de poder-ser. Sodelli (2015) destaca que a angústia possibilita a apropriação do nosso modo mais próprio de ser, o que envolve uma responsabilização pelo cuidado, uma preocupação. Nesse sentido, a angústia nos permite entender que a vida é de responsabilidade única de cada ser-o-aí. Cada ser humano, na sua relação com o mundo, faz escolhas em um compromisso exclusivo com a própria vida. Essa aproximação transitória com os caminhos mais próprios de ser é o que chamamos de propriedade.

### 3 - DAS CONQUISTAS FEMININAS

É no século XX que tudo começa. Ou melhor, recomeça. Mulheres costureiras, pertencentes a um sindicato novayorkino – International Ladies' Garment Workers' Union – formam um grupo majoritariamente feminino de luta por melhores condições de trabalho, propondo acordo coletivo em 1911 (GONZÁLEZ, 2010). Na década seguinte, Tarsila do Amaral se torna um dos nomes centrais do modernismo artístico, por seu talento e organização da semana de arte moderna de 1922 (AMARAL, 2003).

Durante e após a Segunda Guerra Mundial, a economia europeia foi sustentada, fundamentalmente, por mãos de obra femininas, muitas delas sobreviventes da guerra (ALEKSIÉVITCH, 2016). Em 1946, a empreendedora Estée Lauder fundou uma companhia com seu nome na área de cosméticos, sendo uma das precursoras deste segmento de negócio (GRAYSON, 2014). Nos anos 60, Simone de Beauvoir tem sua obra, “O segundo Sexo” reconhecida pelo questionamento que faz da inferiorização da mulher na sociedade e seus papéis restritos (CYFER, 2015).

Mudanças de valores, práticas e papéis sociais foram observadas como uma “substituição radicalizada dos valores autoritários pelos libertários” em diferentes países no século XX, como afirma Alvez (2000, p.233). Fenômeno este, relacionado aumento do nível geral de escolarização das gerações mais novas (idem). É neste período que o poder das instituições educacionais, dos pais sobre os filhos, da medicina sobre a população e do homem sobre a mulher são criticados em movimentos de redefinição de igualdades sociais (MAGALHÃES, 2001).

Neste contexto, o movimento feminista se empenhou na desconstrução da identidade entre sexualidade e procriação e do confinamento das mulheres ao papel de mãe-esposa e dona-de-casa (MAGALHÃES, 2001). Alvez (2000) revela em sua obra, que valores como “Respeito” e “Obediência” eram transmitidos, indistintamente, a meninos e meninas no século XIX, através de um rigor moral e de uma educação coercitiva por parte dos pais. Já o comportamento feminino, era pautado por valores tradicionais de “Submissão”, “Delicadeza no Trato”, “Pureza”, “Capacidade de Doação”, “Prendas Domésticas e Habilidades Manuais”, aplicados

somente às mulheres, inculcando-lhes a auto-restrição (op. cit). Isso se dava através de severas punições, ameaças de retirada de afeto ou abandono, o que restringia as possibilidades de cada moça construir seus projetos de vida com base em anseios pessoais, restando-lhes apenas o “prazer de agradar” os outros (ALVEZ, 2000, p.235).

Diante disso, a mulher, até o século XIX tinha seu domínio de atividades restritas ao lar, vivendo sob constante controle social. Dentre as principais incumbências atribuídas ao papel feminino naquela época estavam: cuidar do marido, dos filhos, dos pais e idosos, segundo Alvez (2000). O estudo era, muitas vezes, vetado às mulheres por possibilitar a elas a construção de novas ideias e também a possibilidade de trocar mensagens intelectuais ou amorosas com outras pessoas, diz a autora.

O movimento feminista, na segunda metade do XX, propôs novas posturas às mulheres frente à sua liberdade sexual e participação no mercado de trabalho, desvinculando a mulher da ideologia que relacionava sua realização pessoal à dedicação exclusiva à vida doméstica (MAGALHÃES, 2001). Segundo Borges (2013), a identidade feminina tem sido cada vez menos influenciada por modelos e padrões que delimitam suas ações.

A obra de Borsa e Feil (2008) nos mostra que o aparecimento dos contraceptivos e do divórcio contribuiu para o enfraquecimento do modelo familiar tradicional, trazendo alterações significativas para a vida pública e privada das mulheres. Essa mudança agregou maior poder de decisão às mulheres enquanto cidadãs, embora tenha gerado dificuldades no ajustamento de um certo acúmulo de papéis.

Na contemporaneidade, presenciamos “a desinstitucionalização de um modelo de trajetória de vida rigidamente padronizado” que abre espaço para modos de viver mais individualizados (BORGES, 2013, p. 72). Neste cenário, há uma tendência de aproximação dos percursos de vida dos homens e das mulheres, como afirma a autora. O casamento tem deixado de ser a prioridade no projeto de vida feminino de acordo com Borges (2013), ao mesmo tempo em que a separação tem se tornado uma experiência comum, que questiona um conjunto de práticas sociais (ALVEZ, 2000).

Isso nos revela que a busca por um companheirismo na relação conjugal se tornou patente e desvinculado da antiga necessidade de se manter um casamento por questões econômicas ou sociais (BORGES, 2013). Na obra citada, compreende-se que o período contemporâneo é marcado por um esgotamento das tradições, juntamente com uma ampliação das referências culturais, que diversificam a vida social de um modo geral. Deparamo-nos com um distanciamento dos papéis mais rígidos e hierarquicamente controlados, oriundos dos séculos anteriores.

Como aponta Borges (2013), as gerações de mulheres mais novas, atualmente, tem dado destaque à realização profissional no seu projeto de vida, tornando o “padrão de mulher ‘mãe-esposa-dona-de-casa’” cada vez menos considerado (idem, p.74). As mulheres tem almejado o sucesso profissional com afinco, segundo a autora, o que está associado à autonomia das mulheres para programar a maternidade e reduzir o número de filhos. Para a autora, a possibilidade de ter uma profissão pode significar, para as mulheres, liberdade, independência financeira, autonomia pessoal e maior flexibilidade para alterar seus projetos pessoais.

Destarte, a ascensão profissional das mulheres instaurou uma nova divisão de responsabilidades entre homens e mulheres (BORGES, 2013). Em alguns casos, o aumento da igualdade de perspectivas sociais da mulher em relação ao homem assinalou a necessidade de conciliar funções domésticas com o trabalho (op. cit). Por outro lado, parte das mulheres passou a reconhecer o vínculo conjugal e a procriação como entraves à liberdade pessoal, que integra diversas experiências como viagens e aprimoramentos profissionais (BORGES, 2013).

Neste ínterim, podemos observar também um acúmulo de tarefas que acercam o papel feminino hoje. Alvez (2000) enuncia que as mulheres tem se mostrado mais irritadas e apressadas após a maternidade, cultivando a expectativa de que os filhos não tragam muitas dificuldades para o cotidiano atarefado. Conforme os termos de Borges (2013, p.80):

“assiste-se à emersão de um novo ideal social de mulher: uma mulher que preza a individualidade e a liberdade, que quer ser independente pessoal a financeiramente e que deseja se realizar no mundo público”

### 3.1 - DEFLUÊNCIA CULTURAL

Essas conquistas das mulheres ao longo das últimas décadas criaram novos horizontes acerca do que é ser mulher, não obstante, o papel de genitora continua sendo uma forte responsabilidade do sexo feminino. Alvez (2000) assinala que apesar do modelo de mulher comedida e restrita ao ambiente doméstico ter sido superado, resquícios deste padrão continuam encobertos na composição do papel feminino atual. No entendimento da autora, os valores culturais tem uma assimilação lenta, embora contínua, de forma que as mudanças extremas demorem longo tempo para serem integradas à dinâmica social.

Rocha-Coutinho (1994) esclarece que a maioria das mulheres e a sociedade como um todo não se desfizeram do ideal antigo de mulher mãe-dona-de-casa, cujas responsabilidades pelos filhos e pela casa perduram. Constituir uma descendência persiste como uma vontade comum às mulheres, apesar dos caminhos para a maternidade serem caracterizados por “transformações socioculturais da contemporaneidade” (BORGES, 2013, p. 77). Esta última coloca que:

“Na realidade, persiste a importância da maternidade na vida das mulheres, mas dentro de um contexto menos marcado por imposições sociais – como a obrigatoriedade do casamento –, e mais aberto a motivações de caráter individual” (op.cit, p.78).

Diante disso, vemos que a cultura ainda atribui a maternidade às mulheres como um atributo indispensável da realização feminina (LEITE e FROTA, 2014). Vigora ainda um valor cultural que comina as mulheres, de modo geral, à procriação como um destino biológico inalienável da condição feminina, segundo Moreira (2006). Em virtude dessa concepção social do papel feminino, Leite e Frota (2014, p. 152) acrescentam que ao se investigar prováveis motivos de infertilidade, “a mulher parece ser vista como principal responsável pelos problemas reprodutivos, não só culturalmente como também dentro da comunidade médica”.

Isso nos revela que a mulher, muitas vezes, é colocada em uma posição estigmatizante no que se refere à concepção de infertilidade (op. cit.). Mesmo o

caminho de tratamentos para fertilização é duplamente censurado pela mulher que escolhe, junto a seu parceiro, esgotar as alternativas de concepção. Por um lado, estes casais são cada vez mais incentivados a esperar soluções e novas técnicas reprodutivas prometidas pela ciência. Por outro lado, a sociedade tem condenado casais que ao invés de adotar, fazem de tudo para tentar gerar filhos biológicos, aponta Alfano (2009). Neste cenário, tem se tornado mais comum a adoção de crianças, como diz a autora.

### 3.2 - O CASAL QUE BUSCA SUA DESCENDÊNCIA

Existe uma cobrança familiar e social pela reprodução do casal como expõem Leite e Frota (2014). Na maioria das vezes, os casais “se sentem responsáveis por expectativas não atendidas e decepções de outros membros da família” (GRADVOHL ET. AL., 2013). Essa pressão social pela reprodução do casal pode gerar consequências para o relacionamento conjugal, dentre elas a restrição da relação sexual à finalidade estrita da procriação, como enuncia os autores. Isso porque há um forte impacto da condição de infertilidade sobre a autoestima sexual e os objetivos de vida destes casais (op. cit).

Outro efeito possível da conjuntura social de um casal que busca a paternidade e a maternidade por vias naturais sem sucesso é a tendência de reagirem “com maior intensidade diante de situações adversas” e com “intensidade mais elevada de ansiedade” em contextos ameaçadores (MOREIRA SNT, 2006 p. 363). Leite e Frota (2014) expõem que a busca pelo filho biológico é, diversas vezes, compreendida como uma possibilidade de transcendência quando considerada um meio de continuação da própria existência.

Os casais considerados inférteis pela medicina podem vivenciar momentos de ansiedade, depressão, “raiva, frustração, isolamento familiar e social e dificuldades sexuais” durante o processo de fecundação almejado (MOREIRA SNT, 2006, p. 359). Tal quadro de ansiedade tem forte relação com o medo de não conceber, e a depressão é, por vezes, associada ao resultado negativo da concepção após algumas tentativas frustradas (idem).

Leite e Frota (2014, p.152) também apresentam o sentimento de tristeza, relacionado a “perdas, desilusão, lamentações e desesperança” envolvidas na busca da concepção. A frustração de não conseguir gerar um filho pode suceder “irritabilidade, agressividade, ressentimento e mágoa” no casal, bem como o sentimento de culpa, segundo as autoras (p.152). Alguns estudos revelam que a própria situação de estresse, ansiedade, frustração e medo podem prejudicar a fecundação, diminuindo a qualidade do espermatozoide e gerando distúrbios na ovulação (GRADVOHL ET. AL., 2013).

O relacionamento sexual dos casais com problemas de infertilidade pode, também, incluir vivências insatisfatórias como constrangimentos em relação ao nível de prazer e desejo, diminuição da espontaneidade e desempenho sexual, que são influenciados pelo encargo que a relação sexual adquire frente à dificuldade para conceber o filho, explica Delgado (2007).

Gradwohl et. al. (2013) declara que as características de sexo e idade podem gerar níveis variáveis de estresse nas relações sociais. Para ele, os jovens costumam perceber a fertilidade como algo imanente à sua faixa etária, o que pode se tornar um motivo de estresse quando não confirmado. A condição de infertilidade é capaz de desestabilizar as relações sociais do casal, dadas as dificuldades e desconfortos para lidar com suas questões pessoais, que se tornam devassadas no grupo social a quem pertencem (LEITE e FROTA, 2014).

Existem sentimentos conflitantes que permeiam condição de infertilidade, explica Delgado (2007). Esta autora assinala um possível afastamento dos cônjuges em seu relacionamento, por conta de dificuldades na comunicação e sentimentos de incompreensão por parte do parceiro ou parceira. Por outro lado, Leite e Frota (2014) destacam a possibilidade de aproximação do casal na vivência da infertilidade e no seu enfrentamento.

Segundo Delgado (2007), a infertilidade é sentida pelos casais como uma mudança em seus relacionamentos amorosos, no que se refere à aproximação entre os elementos do casal, ao fortalecimento da relação conjugal e à melhoria da comunicação. Isso porque o desejo de conceber um filho pode influenciar o modo

como o casal vivencia sua infertilidade, algo que se reflete em todas as dimensões de sua vida (op. cit).

### 3.3 - A CONDIÇÃO FEMININA

Os casais ditos inférteis costumam entrar em contato com questões referentes aos seus parâmetros de masculinidade e feminilidade (LEITE E FROTA, 2014). Socialmente, a esterilidade pode se tornar um estigma, visto que está historicamente relacionada a uma impureza moral ou física atestada por médicos ou religiosos desde a Idade Moderna (PRIORE, 2001).

De acordo com Gradvohl et al. (2013), a maternidade continua sendo um papel atribuído de modo normativo às mulheres, cuja maternidade é estimulada desde a infância. A gravidez não se trata da única forma de realização da feminilidade, todavia, a gestação demarca uma condição de gênero restrita ao sexo feminino (LEITE E FROTA, 2014). Tal qual declara as autoras, o nascimento de um descendente pode confirmar a feminilidade de uma mulher na sociedade.

Em concordância com Leite e Frota (2014), a imagem de mãe reconhecidamente associada à mulher ainda é valorizada, de modo que a maternidade seja compreendida e idealizada como um patamar qualitativo da vida da mulher. Nas palavras das autoras, “diante de uma sociedade predominantemente fértil, a mulher com problema de infertilidade sente-se inadequada” (idem, p. 155). Gerar um filho pode significar uma confirmação da feminilidade de uma mulher, como explicam as autoras.

Isto posto, torna-se comum que as mulheres se sintam tristes e incompletas na condição de infertilidade (op. cit.). As autoras assinalam os sentimentos de impotência, fracasso, deficiência, humilhação, desamparo e desânimo como possíveis vivências das mulheres que buscam engravidar, sem êxito. De modo geral, a infertilidade pode nutrir uma percepção de inutilidade feminina, como se ser mulher, na sociedade, não fosse suficiente (LEITE E FROTA, 2014).

Dessa forma, a infertilidade pode afetar o modo como as mulheres se valorizam. Geralmente, a mulher com problema de infertilidade se sente menos

feminina e, também, menos atraente, segundo as autoras. Logo, a incapacidade de gerar um filho de forma natural pode ser vivida “como uma experiência dilaceradora” para as mulheres que não conseguem engravidar (LEITE E FROTA, 2014, p.158).

Esse sentimento de desvalorização possivelmente afeta outras esferas da vida destas mulheres à busca da fecundidade, já que costumam ser responsabilizadas pelo êxito ou fracasso da reprodução (op. cit.). As autoras descrevem que assuntos relacionados a crianças e concepção circulam com frequência em diálogos femininos, reafirmando a ideia de que a maternidade seja um tema associado à feminilidade.

Leite e Frota (2014, p.153) relatam que: "historicamente, a maternidade foi construída como o ideal máximo da mulher, representando um caminho para alcançar a plenitude e a realização da feminilidade". Em vista disso, muitas mulheres questionam sua própria feminilidade quando surgem movimentos sociais que lutam pelo reconhecimento de novos espaços das mulheres na sociedade.

### 3.4 - A CONDIÇÃO MASCULINA

A condição de infertilidade também acerca os homens de exigências sociais, de modo que seus círculos familiares e pessoais demandem notificações sobre sua prole ou planejamento familiar. Leite e Frota (2014) esclarecem que a infertilidade masculina é interpretada pela sociedade como baixa virilidade e masculinidade. Moreira et. al. (2006) afirmam que a infertilidade masculina é associada, culturalmente, à potência sexual.

Gradwohl et. al. (2013, p.260) enunciam que "para os homens com relação conjugal/sexual estável, a paternidade é considerada essencial para legitimar a masculinidade, e a impossibilidade de procriar pode influenciar a satisfação sexual". Castro et. al. (2014) reiteram que essa concepção de homem procriador é uma produção social e cultural que permeia no senso comum. A infertilidade masculina pode provocar um silenciamento por parte dos homens, visto que a fertilidade está ligada à ideia de masculinidade, força e capacidade (op. cit).

Essa concepção é tão difundida na sociedade que mesmo profissionais da área da saúde tem dificuldade para lidar com pacientes do sexo masculino. Para estes profissionais, os homens com problemas de infertilidade são vistos como pessoas que tem sua masculinidade e virilidade colocadas em cheque, informa Castro et. al. (2014). Por vezes, a infertilidade é compreendida, equivocadamente, como um problema característico das mulheres, o que prejudica a qualidade do atendimento clínico prestado aos homens, reitera os autores.

Embora os homens invistam menos em tratamentos de reprodução assistida que as mulheres, é uma falácia considerar que a paternidade seja um papel pouco importante na vida dos homens e que eles sofram menos com problemas de fertilidade Gameiro (2008). Conquanto exista um menor número de produções científicas a respeito dos impactos que a infertilidade pode ter na vida dos homens, quando comparado à literatura que aborda as mulheres nessa temática, a condição de infertilidade afeta a vida pessoal e social dos homens com intensidade, explica o autor.

Estudos anteriores mostram que algumas das possíveis modificações na vida dos homens após a descoberta da infertilidade são as vivências de luto e inadequação social, frequentemente relacionadas ao imaginário popular que associa fertilidade com masculinidade e virilidade, informa Castro et. al. (2014). Este autor explica que essas experiências trazem para alguns homens fases de impotência e ansiedade ligadas ao seu desempenho sexual.

Em relação à forma como os homens podem lidar com a situação de infertilidade, Gameiro (2008) explica que estes, muitas vezes, apresentam uma diminuição da auto-estima, sentem-se inadequados quanto ao papel social esperado e ficam mais ansiosos do que no período anterior à descoberta da infertilidade, mesmo aparentando aceitar, com maior facilidade que as mulheres, um estilo de vida sem filhos, afirma o autor.

Gameiro (2008) descreve que os homens parecem mais propensos a se envolverem no trabalho e em outras atividades após serem confrontados com a dificuldade da não concepção, recorrendo menos que as mulheres ao apoio de seu grupo social. Este autor discute que as exigências sociais referentes ao papel

masculino podem conduzir os homens a conterem suas reações emocionais e assumirem uma postura firme no enfrentamento do problema.

Embora eles venham a partilhar socialmente essa atitude austera, Gameiro (2008) reitera que estes homens podem apresentar maior sentimento de culpa, medo e tristeza, ao passo que suas companheiras sentem-se mais ansiosas nesse contexto.

## 4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO

As informações para análise do presente capítulo foram retiradas de dois filmes atuais que abordam a questão da infertilidade: *Wreckers*, da diretora Dictynna Hood lançado em 2011 no Reino Unido; e *Twice Born*, do diretor Sergio Castellitto, lançado em 2012 na Itália. As sinopses dos respectivos filmes encontram-se anexas. Cada filme foi assistido 2 vezes, sendo as frases mais importantes selecionadas para análise.

Consideramos as narrativas destas produções cinematográficas um discurso tão relevante quanto uma entrevista possivelmente realizada com casais que enfrentam a situação de infertilidade. Para a Fenomenologia, os conteúdos trazidos por qualquer uma destas fontes se referem ao mundo no qual vivemos e com o qual nos relacionamos a todo instante. A escolha pela análise de filmes também foi pautada no respeito à condição de fragilidade dos casais que buscam a paternidade com dificuldades.

A seguir, serão apresentadas temáticas que sintetizam o conteúdo das falas de cada personagem dos filmes, a fim de facilitar a organização da análise para o leitor.

### 4.1 - POSTURA MASCULINA ESTÓICA

No filme *Twice Born*, a protagonista Gemma, após um sangramento numa dada gestação inicial, procura um médico que explica ter se tratado de um óvulo não fecundado, expelido pelo corpo naturalmente, revelando que não havia ocorrido uma fecundação como o imaginado. Após esta notícia decepcionante dada ao casal que tentava engravidar, o personagem masculino, Diego, diz a seguinte frase à sua esposa: “Significa apenas que não era o Pietro (filho esperado pelo casal antes do parecer médico). As crianças que devem nascer, nascem. Eles virão”.

Esta fala do marido traduz a postura estóica referida por Gameiro (2008) e citada no capítulo anterior. Tal cena demonstra como o papel masculino está associado a uma firmeza inabalável, que abstém reações emocionais e aparenta

força e segurança para o grupo social a que pertence. Segundo o mesmo autor, essa postura é fruto de uma exigência social dirigida aos homens. No entanto, a paternidade tem uma importância significativa deles, de modo que a infertilidade provoque diferentes impactos emocionais.

Diego, na cena seguinte, demonstra a mesma postura de valentia, quando sua esposa entra na sala hospitalar para fazer inseminação artificial. Ele diz: “Estarei aqui mesmo, querida. Não vou a lugar nenhum, certo? Pensa em nós. Eu te amo”. Nesta cena, Diego não transparece sua apreensão ou fragilidade diante das dificuldades para tornar-se pai.

#### 4.2 – OBSESSÃO

No filme *Twice Born*, a personagem feminina Gemma diz a seguinte frase, quando explica para uma psicóloga sua intenção pela adoção de uma criança: “Ter um filho se tornou uma obsessão para mim. Vejo mulheres grávidas em toda parte. São como um exército marchando em cima de mim.” Esta fala expressa um pensamento aflitivo e persistente na maternidade, possivelmente construído a partir do incômodo de não ter filhos na sociedade.

Rocha-Coutinho (1994) explica esse fenômeno por uma perspectiva social, enfatizando que as mulheres, de modo geral, continuam nutrindo o ideal de ser mãe, no contexto de uma sociedade que valoriza a maternidade em primazia. Isso porque, a gestação é considerada fundamental para a realização feminina, de modo que a procriação seja vista, socialmente, como um atributo indispensável às mulheres (LEITE E FROTA, 2014). Moreira (2006) explica que essa concepção social do papel feminino inflige uma posição estigmatizante às mulheres inférteis.

O mesmo trecho do filme nos revela quão estressantes podem ser situações sociais que colocam em evidência a impossibilidade da procriação, e consequentemente, a perda do sonho de ter filhos. Leite e Frota (2014) explicam que a frustração de não poder gestar um filho pode desencadear raiva e maior irritabilidade, bem como mágoa e ressentimento. A protagonista na cena em questão apresenta seu incômodo e irritação em momentos do cotidiano, quando se depara

com mulheres grávidas. O desconforto gerado por estes encontros acidentais toma grande proporção na vivência de Gemma, provocando grande sofrimento para ela.

Em uma cena adiante, Gemma diz para um amigo, referindo-se às características físicas de seu marido: “Quero um filho com seus olhos, com seu pescoço”. Este comentário da personagem destaca sua lamentação e tristeza pela impossibilidade de engravidar e compartilhar com seu marido a satisfação da paternidade. Alguns autores esclarecem esse tipo de reação ao problema, mostrando que a frustração de não poder gerar um filho costuma provocar sentimentos de culpa (LEITE E FROTA, 2014).

Estas duas cenas descritas nos levam a pensar que, na situação de infertilidade, a gestação pode adquirir status de tarefa, restringindo outras possibilidades de se planejar ter filhos, tais como sonhar, criar planos e expectativas mais livres de preocupação. Na primeira cena citada, fica evidente a fragilidade da mulher que não consegue engravidar, no contexto de uma sociedade que clama pela reprodução do modelo familiar.

Um encontro fortuito com outras mulheres na condição que gostaria de ter — a condição de mãe — se torna avassalador. Segundo alguns autores, essas reações mais intensas e com maior grau de ansiedade são esperadas por casais que tentam engravidar e se veem impossibilitados (MOREIRA SNT, 2006). Em outra cena, mais ao final do filme *Twice Born*, Gemma encontra a pessoa que se prontificou em gerar um filho do seu marido, como “barriga de aluguel”, e diz a ela: “Aqui está você. Jovem, linda e ainda tendo filhos”.

O sofrimento de não poder ser mãe e a impossibilidade de continuar o projeto de realização familiar com seu marido sucede raiva e agressividade em Gemma. Esse comportamento agressivo, denunciado também por Leite e Frota (2014), pode estar vinculado aos sentimentos de tristeza e incompletude provocados pela condição de infertilidade. Esse contexto de difícil elaboração da impossibilidade de ser mãe é também apresentado no filme *Wreckers*.

Sem ainda saber resultados diagnósticos sobre sua capacidade reprodutiva, Dawn diz ao seu marido querer superar a questão da infertilidade, e ele responde: “mas você realmente queria um filho”. Dawn indaga: “como você sabe o que eu

quero?”. Seu marido David explica: “Ano passado nós fomos aos médicos. Você mentiu sobre quanto tempo estamos tentando (ter filhos)”. Mais adiante, após a descoberta de que David ser infértil, ele profere com raiva: “Você ficava insistindo, esse seu projeto! Por que não podíamos esperar uns anos?”.

Esses diálogos nos mostram, novamente, a persistência da protagonista em achar meios para engravidar, de forma que a concepção se torne um trabalho a ser executado pelo casal. Isso se mostra quando Dawn consulta-se com médicos e faz exame junto a seu marido para identificar possíveis obstáculos à fecundação.

Como prevê Gradvohl et. al. (2013), a pressão social pela reprodução do casal, na condição de infertilidade, pode comprometer sua auto-estima sexual. Nos referidos diálogos, Dawn e David sentem-se cativos. A dificuldade de engravidar prejudica a forma de o casal vivenciar sua história, de estar mais livre no cotidiano para se relacionar e ter relações sexuais sem preocupações demasiadas.

#### 4.3 – VERGONHA

No filme *Wreckers*, a dificuldade de o protagonista David assumir publicamente sua infertilidade, aparece na cena em que seu irmão comenta com uma conhecida a seguinte frase: “ela está triste, só isso. Ela não pode ter filhos.” Na ocasião descrita, Dawn ouve esta conversa a seu respeito e rebate a possível estigmatização da sua condição feminina, dizendo: “É ele que não pode” (referindo-se ao seu marido).

Por vergonha de expor sua infertilidade, David distorce a informação para seu irmão, responsabilizando sua esposa pela impossibilidade de terem filhos. Em outra cena, David assume sua condição de infertilidade, dizendo: “não é um erro. Tive uma namorada que também estava tentando ter um filho”. Esta fala do protagonista diante do médico e de sua esposa revela que ele escondia por algum tempo sua dificuldade reprodutiva.

Em momentos seguintes do mesmo filme David fala: “Deus, eu estou tão envergonhado. Eu quero que você seja feliz (dirigindo-se a sua esposa)”. As frases aqui destacadas exemplificam o sentimento de vergonha contido na vivência

masculina da infertilidade. Na situação em que David oculta da esposa sua experiência de infertilidade em relações anteriores, nota-se um silenciamento por parte dele.

Segundo Castro et. al. (2014), a associação entre fertilidade e masculinidade difundida pelo grupo social pode induzir silêncio nos homens a respeito de sua infertilidade, justamente por invalidar sua virilidade, tornando-se motivo de vergonha. Esse suposto descrédito em razão de dificuldades reprodutivas também se relaciona com a importância que a paternidade tem na vida dos homens, expõe Gameiro (2008). Este autor ressalta que a condição de infertilidade pode afetar a vida pessoal e social dos homens, como ilustra o filme em questão.

#### 4.4 – MEDO

No filme *Wreckers*, o casal discute após uma consulta médica em que David assume sua condição de infertilidade, antes omitida de sua esposa. Nesta discussão Dawn justifica para seu marido porque insistiu na busca de um diagnóstico, dizendo: “estava com medo que fosse eu”. David responde com raiva: “Não, sou eu, está feliz agora?”. A seguir, Dawn sai do carro com raiva dando as costas para o marido. David diz a ela: “por favor, não me deixe. Eu não seria nada sem você”.

Essa cena revela um desentendimento provocado por uma ausência de comunicação entre os protagonistas. Delgado (2007) reitera que as dificuldades de comunicação e sentimentos de incompreensão por parte do cônjuge pode gerar um distanciamento do casal em seu relacionamento. David, por medo de prejudicar seu relacionamento conjugal e por temer a separação de sua esposa, omitiu informações sobre sua capacidade reprodutiva.

Este silenciamento de David é também influenciado pelo sentimento de vergonha tratado no subitem anterior. Gameiro (2008) descreve que o medo e a tristeza são sentimentos comumente observados em homens com questões de infertilidade, como é o caso do personagem David.

No filme *Twice Born*, a protagonista Gemma faz a seguinte colocação para a psicóloga que a entrevista para adoção: “Estou aqui porque tenho medo. Medo de

perder o homem que amo. Queria dar um filho a ele para prendê-lo a mim. Prendê-lo com esse cadeado de carne”. Esta fala revela o medo da protagonista de se separar do parceiro por não conseguir engravidar.

Leite e Frota (2014) contribuem para esta análise ao mostrarem que a infertilidade pode afetar o modo como as mulheres se valorizam. Frequentemente, estas se sentem menos atraentes ou menos femininas por não conseguirem engravidar.

A personagem Gemma desconsidera a totalidade de seu relacionamento conjugal e suas qualidades pessoais, valorizando apenas a condição de maternidade e gestação que não alcançou. Este pensamento de desvalorização e de culpa por não engravidar está fortemente ligado à importância que a sociedade dá à procriação, como visto anteriormente.

#### 4.5 – CULPA

Gemma, no filme *Twice Born*, faz a seguinte afirmação: “Eu sou estéril. Eu queria uma criança com estes pés. Queria vê-la caminhando na nossa frente. Eu a perdi”. Tal fala apresenta o sentimento de culpa de uma mulher por não poder engravidar. No filme *Wreckers*, uma situação de discussão entre o casal David e Dawn traz a tona o mesmo sentimento.

David exclama: “Pare de chorar. A culpa é minha, então pare de chorar” (referindo-se à sua esposa que chora por saber do diagnóstico de infertilidade do marido). Momentos depois, quando ambos estão mais calmos, David abraça sua esposa e diz: “sinto tanto”, novamente sentindo-se culpado por desapontar sua esposa no projeto de constituírem uma família.

No caso de Gemma, nota-se que o sentimento de culpa muito tem a ver com a responsabilidade da procriação atribuída socialmente à mulher. Além disso, percebemos como a condição de infertilidade pode gerar sentimentos de impotência, fracasso e incompletude, como afirmam Leite e Frota (2014), os quais estão se relacionam com a autculpabilização da protagonista.

David também parece sentir-se inadequado no seu papel social. Como homem, sente-se triste e culpado por não poder realizar o sonho da esposa de conceber um filho. Esse sentimento de culpa foi assinalado por Gameiro (2008) como consequência de exigências sociais referentes ao papel masculino.

#### 4.6 – MUDANÇAS NO RELACIONAMENTO CONJUGAL

No filme *Twice Born*, o casal Diego e Gemma apresentam alguns desentendimentos após sucessivas tentativas de conquista da paternidade, dentre elas a inseminação artificial e a adoção.

Diego é surpreendido por sua esposa no trabalho que diz: “você pode ter um filho quando quiser e com quem quiser”. Irritado, ele responde a Gemma: “ótimo, vou enterrá-las como um gato. Seja como for, não sei mais o que fazer com as minhas bolas. Não tenho mais utilidade para você”. Ela insiste, dizendo: “Um dia você acha alguém com bons ovários. Alguém jovem e saudável, vai ter um filho com ela”. Seu marido responde: “Precisamos aprender a viver sem filhos”. Ela conclui dizendo: “Para você é fácil falar. Está transando com a estilista (colega de trabalho de Diego)?”.

Ao preocupar-se com o possível interesse sexual do marido por outras mulheres, Gemma se coloca em uma posição pouco atraente ou desvalorizada, em razão de sua condição infértil. Tal insegurança e baixa autoestima são sinalizadas por Leite e Frota (2014) como vivências comuns a mulheres com questões de infertilidade. Segundo as autoras, mulheres que buscam engravidar, sem êxito, experienciam certa inutilidade como mulheres na sociedade.

Por outro lado, esse diálogo do casal traduz uma grande mudança na forma de se relacionarem um com o outro, se comparado a momentos iniciais da união conjugal. Gemma e Diego que antes sonhavam em constituir uma família juntos e se amavam com liberdade e convicção, nesta cena do filme, parecem ter dificuldade para confiar entre si e traçar objetivos de vida comuns. Gradwohl et. al. (2013) explica que a cobrança social pela reprodução do casal, mediante a dificuldade de conceber um filho, produz consideráveis mudanças no relacionamento conjugal.

#### 4.7 – VALORIZAÇÃO DA MÃE BIOLÓGICA

A valorização da mãe biológica pela sociedade se apresenta no filme *Twice Born*, na cena em que o casal Diego e Gemma tem um momento íntimo na banheira. Neste instante, ela mostra uma ultrassonografia para seu marido e diz: “primeira fotografia do teu filho”. Diego responde: “Pietro (referindo-se à imagem impressa). Já o amo (...). Agora você é mãe. Um templo. E eu sou um monge, ajoelhado diante de você”.

Esse diálogo revela a satisfação de uma mulher ao conceber um filho quando Gemma entrega a radiografia ao seu marido, com segurança e orgulho. Isso retoma o que foi dito por Rocha-Coutinho (1994) sobre a importância da maternidade na vida das mulheres. Este autor sinaliza que constituir uma prole continua sendo uma vontade comum às mulheres na contemporaneidade, algo que está relacionado ao antigo ideal de mulher mãe-dona-de-casa.

Na sociedade vigora uma exigência e uma valorização da reprodução humana. A fala de Diego, acima citada, exemplifica esse grau de importância atribuído ao papel de genitora. A figura materna é associada por Diego a um templo especial, à divindade. Deste modo, a responsabilidade pela gestação é compreendida socialmente como algo sublime e encantador.

Em outro trecho do filme, na impossibilidade de conceber um filho naturalmente, Gemma busca uma alternativa para tornar-se mãe: pagar uma mulher para engravidar de seu marido. Ao conversar com uma interessada na proposta, ela ouve: “fico feliz em ajudar alguém que tem um defeito”. Essa frase expressa a estigmatização da mulher que não pode ter filhos, em contrapartida da valorização social da mãe biológica, afirmam Leite e Frota (2014).

Depois que o acordo de pagamento pela adoção da criança é concluído, Gemma volta para sua cidade e cria seu filho sozinha. Neste período, ela tenta amamentá-lo na ânsia de vivenciar a maternidade de forma semelhante às mães biológicas, vontade esta que condiz com a determinação social.

#### 4.8 – COBRANÇA FAMILIAR E SOCIAL

No filme *Twice Born*, a cobrança social sobre um casal para ter filhos aparece na cena em que um amigo deles diz a Gemma: “e quando vão ter um bebê?”. Ela expõe sua condição de infertilidade e fica triste com a situação. De forma mais sutil, em cenas seguintes, um general do exército italiano comenta: “meninos se parecem com as mães”. Ambas as ocasiões colocam a mulher frente à exigência social de ser mãe. Este tipo de cobrança se relaciona com o fato de o papel de genitora continuar sendo uma forte responsabilidade do sexo feminino, conclui Alvez (2000).

Todas essas situações apresentadas nos filmes revelam um grande sofrimento vivido por mulheres que passam por dificuldades para engravidar. Já os homens também sofrem com a questão da infertilidade, mas a postura que lhes é imposta pela sociedade é diferente daquela exigida das mulheres. De um modo geral, a sociedade coloca para as mulheres uma determinação de ser mulher: ser mãe biológica, ser genitora.

Sabemos que no mundo sempre são explicitados sentidos para nossas ações, comportamentos, maneiras de pensar e agir. É o que chamamos de impessoal, uma série de significados sedimentados na cultura em que vivemos, independentemente de nossas escolhas e reflexões. De início e na maioria das vezes, nosso modo de existir é pautado por este conjunto de significados pré-estabelecidos. Isso é visto nos casos em questão, pela impossibilidade de cada personagem conviver de forma clara com suas possibilidades de realização. Trata-se de um distanciamento de si mesmo devido à prevalência do impessoal na vida dos personagens (CYTRYNOWICZ, 1997).

As protagonistas femininas sentem-se pressionadas a corresponder ao papel de mãe e em algumas cenas são questionadas por ainda não terem filhos. O mundo impessoal destaca a maternidade como um atributo indispensável às mulheres, de modo que elas possam se distanciar de si mesmas, sem considerarem, ao certo, seus reais interesses em ser mãe. Entendemos que esse questionamento mais profundo envolve uma separação daquilo que o mundo oferece, no sentido de não ser oprimido por uma única determinação externa de seu modo de ser. Quando Gemma diz que procura um elo de carne que prenda seu marido a ela, podemos

reconhecer uma obsessão (estreitamento) de ser mãe fortemente relacionada com a restrição do papel feminino colocada pela sociedade.

Esse estreitamento de possibilidades de ser já colocada no mundo provoca sofrimento na relação dos casais observados. Ter um filho passa a ser uma tarefa em circunstâncias de maior tensão. O projeto de ser mãe, para cada uma das personagens parece ser a única forma de realização conjugal. Gemma descreve sua obstinação em gerar um filho com características físicas de seu marido, no entendimento de que esta seja a melhor forma de contentá-lo. Tal sobreposição dos significados do mundo sobre o existir de cada personagem do filme dificulta que cada um deles viva de forma mais autêntica, ou seja, pelo critério de escolha da vida que querem viver.

O mundo que habitamos é repleto de pessoas e coisas que já carregam significados compartilhados socialmente, e nós, somos os entes capazes de compreender o que o mundo espera de nós. Essa capacidade de compreensão nos permite fazer escolhas, mas nos traz angústia na medida em passamos a ser responsáveis por corresponder ou não às exigências sociais endereçadas a nós.

As personagens Gemma e Dawn sofrem por compreenderem o que a sociedade espera delas: que sejam mães biológicas, que gerem um filho. Por outro lado, seus respectivos cônjuges sofrem por compreenderem que se espera deles uma postura firme, inabalável e comprometida com a fecundação. Neste sentido, a perspectiva fenomenológica nos ajuda a questionar a profundidade da angústia que estes homens e mulheres tem, percebendo que parte do sofrimento que vivem não parte exclusivamente da frustração de um projeto de vida particular. Isso acontece por existir uma naturalização da maternidade e da paternidade que os coíbem a lidar com capacidade reprodutiva e com os papéis sociais de mãe e pai.

Em vista de pensarmos a condição humana, de ser-o-aí, que perpassa todas as relações conjugais dos filmes analisados, devemos nos atentar aos aspectos fundamentais de sua constituição. Ser-o-aí é lançado no mundo desde o seu nascimento. Essa condição de orfandade apontada por Cytrynowicz (1997) resume o que Heidegger descreveu sobre a nossa indeterminação. Nascermos por razões que não nos coube escolha. Simplesmente viemos ao mundo.

Partindo desta compreensão fenomenológica, ser-o-aí que somos não tem essência. Conforme já discutido, ser-o-aí não possui determinação, pois nosso ser é sempre aberto a possibilidades, é sempre um poder-ser. Isso significa que a única tarefa que temos é cuidar de nossa própria vida, de nossa existência, de como vivemos os dias que temos disponíveis, pois não existem outras atribuições intrínsecas ao nosso existir. Nosso ser no mundo é um constante escolher. Fazemos escolhas, pois compreendemos as coisas. “É característica fundamental de todo ser humano estar em movimento” (op. cit, p.32) e coexistir junto a outras pessoas e outros entes intramundanos. Neste sentido, o que determina as relações específicas de cada um de nós é a totalidade de referências que temos.

No filme *Twice Born*, Gemma busca incessantes alternativas para alcançar a maternidade depois de descobrir sua condição infértil. Os caminhos da inseminação artificial, adoção e fertilização de outra mulher com sêmen de seu marido mostraram-se angustiantes e difíceis, tornando a maternidade uma obstinação. Todas essas alternativas parecem ter respaldo na técnica de nossa época, a qual sugere que tudo pode ser produzido e submetido às forças da razão e da vontade, sem que haja espaço para enigmas (POMPÉIA E SAPIENZA, 2011).

Essa pretensão da técnica em subordinar a natureza e o homem a uma exploração de cunho científico corrobora para que o ser humano seja jogado na impessoalidade, em uma compressão de mundo periférica do ser-o-aí. Isso parece distanciar o casal que tenta engravidar de suas demais possibilidades de realização pessoal, pois a técnica aparenta trazer recursos para promover saúde e felicidade, entretanto isso parte de uma consideração externa à nossa existência (idem).

Cada ser-o-aí estabelece uma relação única e particular no mundo, constituindo uma totalidade de referências. Neste envolvimento específico que nós estabelecemos no mundo, cada significado que damos às coisas influencia nossa vida de modo singular, nos remetendo ao passado mais distante ao futuro simultaneamente. Portanto, equiparar os mesmos significados às mesmas experiências humanas, na tentativa de uma generalização, não abarca uma compreensão do ser-o-aí que somos.

Neste sentido, não nos parece possível vincular aos homens e às mulheres a destinação de serem pais e mães biológicos. Cada um de nós pode conhecer o valor das coisas na relação especial que estabelecemos com elas. Nosso olhar é composto por um referencial de relações significativas com o mundo que habitamos, o que permite que a relação de paternidade possa surgir de uma convivência com uma criança, independentemente de seu vínculo consangüíneo (CRITELLI, 1996).

Outro fator importante que marca a experiência da infertilidade é o tempo. O personagem David, no filme *Wreckers*, revela que sua esposa mentiu para o médico sobre quanto tempo eles estavam tentando engravidar. Ao mesmo tempo, David escondeu de sua esposa que há alguns anos tinha descoberto sua infertilidade. Para a medicina, o diagnóstico da infertilidade é realizado com base no tempo de um ano, após sucessivas tentativas de concepção. Além disso, a qualidade das células reprodutivas diminui após a faixa etária dos 35 anos de idade para as mulheres e 40 para homens (GRADVOHL, 2013). Esse marco temporal exige uma escolha dos casais sobre terem filhos ou não, o que pode gerar ansiedade quando a concepção se torna difícil de ser alcançada.

Em uma sociedade na qual a gravidez é tida como sublime e em que muitas mulheres continuam nutrindo o ideal de ser mãe, a infertilidade pode gerar o sentimento de inutilidade e culpa para homens e mulheres que enfrentam dificuldades na concepção, como visto nos filmes analisados. Esse sofrimento está relacionado à temporalidade que demarca um período da vida para a reprodução. Por outro lado, há uma força do impessoal que cerceia as possibilidades de ser mulher de outra forma que não apenas mãe.

Neste sentido, Cytrynowicz (1997) exemplifica o estreitamento das possibilidades de ser como vivências de falta, insegurança, temor e sentimento de inferioridade. Tais vivências são identificadas nos filmes analisados quando as personagens sentem-se inferiores por não conseguirem engravidar ou menos femininas. Os homens por sua vez, são orientados pelo impessoal a não demonstrarem sua insegurança perante a impossibilidade de ter filhos, sendo conduzidos ao silenciamento.

O temor de não conseguir alcançar a maternidade e a paternidade por vias naturais pode gerar uma ânsia pela concepção e também provocar ausência de comunicação e dificuldades sexuais para o casal, como visto nas cenas analisadas. Isso está relacionado com o grau de importância que o impessoal atribui à concepção e também com a especificação temporal que determina as condições reprodutivas de um casal.

A despeito deste estreitamento provocado pelo mundo impessoal, pelos sentidos sedimentados que nos são impostos, é possível alcançar diferentes encaminhamentos para nossas experiências. Nos filmes analisados, as histórias de cada casal tem desfechos bem particulares. Em *Twice Born*, Diego fala com sua esposa sobre a importância de se abrirem à possibilidade de viver sem filhos, e, ao final, ela acaba adotando um recém-nascido de maneira informal durante a guerra. No filme *Wreckers*, David vivencia a paternidade acolhendo o filho que sua esposa concebeu de outro homem, depois de uma ação intempestiva que ela teve em circunstâncias do conhecimento tardio do diagnóstico de infertilidade de seu marido.

Nossa condição de ser-o-aí nos permite ampliar os sentidos daquilo que experienciamos. Em virtude de nosso poder-ser, podemos sempre desconstruir o estreitamento impelido pelo impessoal, na perspectiva de nos abirmos para novos sentidos e novas possibilidades daquilo que pensamos, fazemos e vivemos.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início desta pesquisa se deu pela busca de uma maior compreensão acerca do sofrimento humano, circunscrito na problemática da infertilidade. Para isso, foi necessário destacar a influência cultural e social que existe no projeto conjugal de gerar descendentes. Como já foi explicado neste trabalho, cada um de nós faz escolhas que se orientam por sentidos já apresentados pelo mundo e também por nossas conclusões particulares e criativas. No entanto, a temática da infertilidade parece acarretar sofrimentos relacionados aos significados sedimentados no meio social.

A pressão que o tempo exerce sobre a ampliação e restrição das possibilidades de fecundação por vias naturais pode atribuir maior impacto às escolhas de homens e mulheres pela reprodução sexual. Além da temporalidade, a valorização que a sociedade faz da procriação e da mãe que gera filhos, a chamada mãe biológica, mostra-se habilitada a proporcionar situações de sofrimento para um casal que se depara com a condição de infertilidade. Em decorrência destas limitações culturais e temporais, foram encontradas diversas formas de sofrimento dos casais que transitam pela infertilidade, tais como culpa, medo, obsessão e vergonha.

Como visto no decorrer deste trabalho, cada um de nós é capaz de transcender seu olhar sobre a impossibilidade de ter filhos, encontrando diferentes alternativas para o exercício da paternidade e da maternidade. Isso porque a progenitura se trata de uma escolha e não de uma determinação biológica. Como foi explicado anteriormente, ser-o-aí que somos não tem uma essência ou pré-destinação evidente. Nascemos sem uma determinação, por isso construímos nossos caminhos com base na responsabilização por nossas escolhas, as quais adquirem importância devido à renúncia de outras possibilidades. Este pensamento reforça a ideia de que não são possíveis generalizações sem contextos que tratam do ser humano e das suas vivências específicas.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. **Tarsila**: sua obra e seu tempo. 34. ed. São Paulo: Edusp, cap.1, 2003.
- ALBERT, S. **Infertilidade na relação conjugal** – Uma pesquisa na abordagem junguiana utilizando a terapia breve com Sandplay. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ALEKSIÉVITCH, S. **A guerra não tem rosto de mulher**. 1. ed. Cidade: Companhia das Letras 2016.
- ALFANO, B. **Reprodução e biopolítica**: infertilidades e práticas de saúde em um serviço público no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Medicina Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- ALMEIDA, C. **Obesidade e infertilidade masculina**. Dissertação (Mestrado integrado em Medicina). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Portugal, 2013/2014. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/76637/2/102292.pdf>>. Acesso em 18 Mai. 2016.
- ALVES, Z. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. 2000, v.16, n.3, pp. 233-239.
- BORGES, C. Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade. **Psicologia em Estudo**. 2013, v. 18, n.1, p.71-81.
- BORSA, J; FEIL, C. **O papel da mulher no contexto familiar**: uma breve reflexão. O portal dos psicólogos, 2008. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419.pdf>>. Acesso 20 Mar 2017.
- BOSS, M. Freud e o método de pensamento científico. **Hexágono**. 1974, v.1, n.1, pp.1-13.

BRASIL. Portaria 3.149 dispõe “Fica destinados recursos financeiros aos estabelecimentos de saúde que realizam procedimentos de atenção à Reprodução Humana Assistida, no âmbito do SUS, incluindo fertilização in vitro e/ou injeção intracitoplasmática de espermatozoides”. **Diário Oficial da União**, Brasília, Distrito Federal, 28 de Dezembro 2012. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt3149\\_28\\_12\\_2012.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt3149_28_12_2012.html)>. Acesso em 14 Abr. 2016.

CASANOVA, M. **Compreender Heidegger**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

CASTRO, W.ET. AL. A saúde do homem que vive a situação de infertilidade: um estudo de Representações Sociais. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. 2014, v.18, n.4, pp.669-675.

CRITELLI, D. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. 1.ed. São Paulo: EDUC: Brasiliense, pp. 51-66, 1996.

CUNHA, M. ET AL. Infertilidade: associação com transtornos mentais comuns e a importância do apoio social. **Rev. de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v.30, n.3, p.201-210. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v30n3/v30n3a09>>. Acesso em 10 Jun. 2016.

CYFER, I. Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e "a questão do sujeito" na teoria crítica feminista. **Lua Nova**. 2015, v.1, n.94, pp. 41-77. Disponível em: <revista virtual sem volume em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452015000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452015000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 09 Jun.2016.

CYTRYNOWICZ, M. A relação analista-analisando: uma abordagem daseinsanalítica. **Rev. Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. 1997, v.1, n.8, pp. 30-38.

DELGADO, M. **O desejo de ter um filho...as vivências do casal infértil**. Dissertação (Mestrado em Comunicação em Saúde). Universidade Aberta, Lisboa, 2007.

Disponível em: [http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/724/1/TMCS\\_MariaJo%C3%A3oDalgado.pdf](http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/724/1/TMCS_MariaJo%C3%A3oDalgado.pdf)>. Acesso em 31 Mai. 2016.

FARINATI, D. ET AL. Infertilidade: um novo campo da Psicologia da saúde. **Rev. Estudos de Psicologia**, v.23, n.4. Campinas, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v23n4/v23n4a11.pdf>>. Acesso 14 Jun. 2016.

GAMEIRO, S. ET AL. A experiência masculina de infertilidade e de reprodução medicamentosa assistida. **Psicologia, Saúde & Doenças**. 2008, v.9, n.2, pp. 253-270. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/362/36219057006.pdf>>. Acesso 15 Abr. 2016.

GIACOIA JR., O. **Heidegger Urgente**. 1. ed. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

GOLDSTEIN, R. **Vivências Psicológicas de mulheres em um programa de esterilidade conjugal de um hospital municipal**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

GONZÁLEZ, A. **As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, cap. 1, 2010.

GRADVOHL, S. ET AL. Estresse de homens e mulheres que buscam tratamento para infertilidade. **Rev. Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**. 2013, v.35, n.6, pp. 255-261.

GRAYSON, R. Stée Louder – Businesswoman and cosmetics pioneer. 1 ed. Cidade: Minneapolis. ABDO Publishing Company, cap.1, 2014.

HEIDEGGER, M. **Sobre o humanismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Tradução revisada de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, M; BOSS, M (Org.). **Os seminários de Zollikon**: protocolos, diálogos, cartas. Tradução de Gabriela Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. Petrópolis: Vozes, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde 2013**. Brasília, Distrito Federal. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pns/2013\\_vol3/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pns/2013_vol3/default.shtm)>. Acesso em 16 Ju. 2016.

LEITE, R; FROTA, A. O desejo de ser mãe e a barreira da infertilidade: uma compreensão fenomenológica. **Abordagem Gestáltica-Phenomenological Studies**. 2014, v. 20, n.2, pp. 151-160.

LOPES, V; PINTO, G. Quando a gravidez não acontece: intervenção psicológica na infertilidade in **A psicologia na saúde da mulher e da criança**: intervenções, práticas e contextos numa maternidade. 1.ed. Lisboa: LDA, 2012.

MAGALHÃES, A. **Histórias de mulheres**: considerações sobre a privação e a privacidade na história das mulheres. 1. ed. São Paulo: Atlanta, 2001.

MEIRELLES, V. **Feminino superlativo**:mulher, família e carreira. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Tabagismo**. Brasília, Distrito Federal. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/links-de-interesse/317-tabagismo/9257-quais-sao-as-doencas-causadas-pelo-uso-do-cigarro>>. Acesso em 14 Abr. 2016a.

\_\_\_\_\_. **INCA lança documento e promove debate sobre os malefícios dos agrotóxicos.** Brasília, Distrito Federal. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/sas/sas-noticias/17502-inca-lanca-documento-e-promove-debate-sobre-os-maleficios-dos-agrotoxicos>>. Acesso em 14 Abr. 2016b.

\_\_\_\_\_. **Chumbo.** Brasília, Distrito Federal. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/leia-mais-o-ministerio/1117-secretaria-svs/vigilancia-de-a-a-z/contaminantes-quimicos/contaminantes-quimicos-linha1/16195-chumbo>>. Acesso em 14 Abr. 2016c.

\_\_\_\_\_. **Saúde aplica recursos para prevenção da obesidade.** Brasília, Distrito Federal. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/principal/agencia-saude/noticias-antiores-agencia-saude/1261-saude-aplica-recursos-para-prevencao-da-obesidade>>. Acesso em 14 Abr. 2016d.

MOREIRA, S. ET AL. Estresse e ansiedade em mulheres inférteis. **Rev. Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**. 2006, v.28. n.6, pp. 358-64.

MOREIRA, S. et al. Estresse e função reprodutiva feminina. **Rev. Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v.5, n.1, pp. 119-125. Recife, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v5n1/a15v05n1.pdf>>. Acesso 15 Abr. 2016.

MOTOOKA, R. **Aspectos emocionais investigados na infertilidade através do método de Rorschach.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

NORGREN, M. et al. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Rev. Estudos de Psicologia**, v.9, n.3, pp. 575-584. Natal, 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300020>>. Acesso 15 Abr. 2016.

POMPÉIA, J; SAPIENZA, B. **Os dois nascimentos do homem**: escritos sobre terapia e educação na era da técnica. 1.ed. Rio de Janeiro: Viaverita,pp. 123-140, 2011.

PRIORE, M. Homens e mulheres: o imaginário sobre a esterilidade na América Portuguesa. **História, Ciências, Saúde**. 2001, v.8, n.1, pp. 98-112.

ROCHA-COUTINHO, M. Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares. RJ, ROCCO, 1994, p.114.

SAMPAIO, V. **O conhecimento de si mesmo**: um estudo em fenomenologia existencial a partir da prática do aikido. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SANTOS, J. **O que é pós-moderno**. 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SOCIEDADE AMERICANA PARA MEDICINA REPRODUTIVA. **Infertility**. Estados Unidos da América e outros. Disponível em <http://www.reproductivefacts.org/awards/detail.aspx?id=10707>>. Acesso em 17 Mai 2016.

SODELLI, M. **Uso de drogas e prevenção**: da desconstrução da postura proibicionista às ações redutoras de vulnerabilidade.2. ed. São Paulo, 2015, pp. 62-80.

SOUZA, S. **Expressão psicossomática na infertilidade conjugal**: investigação dos processos de enfrentamento durante o diagnóstico.Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

## ANEXO I

### SINOPSE DO FILME WRECKERS

Data de lançamento: 16 de dezembro de 2011 (Reino Unido)

Direção: Dictynna Hood

Dawn interpretada pela atriz Claire Foy e David, interpretado por Benedict Cumberbatch, se mudam para uma casa no campo onde pretendem começar uma família. O relacionamento do casal é harmonioso, mas passa a ter dificuldades quando Dawn não consegue engravidar. O irmão mais novo de David, encenado pelo ator Shaun Evans, aparece na casa de forma inesperada. Ele é um soldado de licença que provoca mudanças no núcleo familiar de Dawn e David. Dawn fica comovida pela situação de vulnerabilidade do cunhado e a partir da chegada dele, muitas histórias da vida de seu marido são reveladas.

### SINOPSE DO FILME TWICE BORN

Data de lançamento: 8 de novembro de 2012 (Itália)

Direção: Sergio Castellitto

Gemma, interpretada pela atriz Penélope Cruz, visita a cidade de Sarajevo com seu filho. Há 16 anos ela escapou da guerra com ele nos braços, mas o pai da criança ficou na cidade guerreada e acabou morrendo meses depois. Nesta viagem com seu filho, Gemma acaba descobrindo detalhes sobre a vida de seu primeiro marido, Diego, interpretado por Emile Hirsch. A volta a Sarajevo faz Gemma lembrar de sua dificuldade para conceber um filho, bem como a perda do seu marido e as consequências que a guerra trouxe para seu relacionamento conjugal.